

COLECCÃO DIRIGIDA POR BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

A análise da sociedade portuguesa não pode dispensar nem a imaginação teórica contextualizada pela nossa história, nem a actualização científica à luz dos critérios internacionais. A perspectiva transdisciplinar, sempre difícil, é privilegiada.

OS ESPAÇOS DA INDÚSTRIA • JOSÉ REIS

B
860



SABER IMAGINAR O SOCIAL ■ 1

OS ESPAÇOS DA INDÚSTRIA



A REGULAÇÃO ÉCONÓMICA
E O DESENVOLVIMENTO LOCAL
EM PORTUGAL

J O S É R E I S

EDIÇÕES AFRONTAMENTO
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

SABER IMAGINAR O SOCIAL ■ 1

SABER IMAGINAR O SOCIAL

Colecção dirigida por
Hervé de Souza Santos

Volumes Publicados

1. *Os Espaços da Indústria. A regulação económica e o desenvolvimento local em Portugal*, José Reis, 1992.
2. *Subdesenvolvimento e Autonomia. O caso da indústria têxtil em Portugal*, Maria Manuel L. Almeida, 1992.
3. *Indústria e Poderes na História. Uma Cartografia*, 1992.
4. *1926 em Portugal. A Regulação da Indústria e o Desenvolvimento Local (1870-1900)*, CA de Coimbra.
5. *Com os Deuses e com os Homens. Práticas Religiosas da População Rural Portuguesa*, Pedro Madruga.
6. *Portugal. Um Novo Estado. Documentos de José de Sousa Santos*, 1992.

Título: Os Espaços da Indústria.

A regulação económica e o desenvolvimento local em Portugal

Autor: José Reis

© 1992, José Reis e Edições Afrontamento

Edição: Edições Afrontamento/Rua de Costa Cabral, 859/Porto

Colecção: Saber Imaginar o Social / 1

Nº de edição: 414

ISBN: 972-36-0279-2

Depósito Legal: 53414/92

Impressão: Litografia Ach. Brito

Acabamento: Rainho & Neves, Lda./Santa Maria da Feira

ÍNDICE

Prefácio	11
----------------	----

PARTE I

REGULAÇÃO E ESPAÇOS LOCAIS

I. REGULAÇÃO ECONÓMICA, SEMIPERIFERIA E REPRODUÇÃO SOCIAL	17
1. A semiperiferia, a teoria da regulação e a teoria do sistema-mundo	17
2. O Fordismo: apogeu e crise de um tipo singular de funcionamento das economias capitalistas	30
A relação salarial fordista: produtividade, consumo e normas salariais	31
A empresa como lugar central	34
A intervenção mediadora do Estado	34
O esgotamento do círculo virtuoso fordista e a complexidade das práticas económicas	36
As perspectivas futuras	39
3. As sociedades semiperiféricas: a heterogeneidade interna como <i>qualidade</i> estrutural	42
4. Diversidade económica e modos de vida: as economias familiares e a reprodução social	48
As economias familiares	50
Uma componente relevante da esfera da reprodução social e das suas articulações com a acumulação: a pequena agricultura complementar	55
II. O ESPAÇO, A HETEROGENEIDADE E A MEDIAÇÃO LOCAL	61
1. Territórios e espaços locais: as noções de espaço e os novos contornos da <i>intensidade espacial</i> das economias	62
A «história da ideia de região»: economia regional vs. economia espacial	67
Os contextos sócio-económicos dos discursos sobre o espaço	71

2. Uma fenomenologia complexa: o nível local de análise	75
O nível local: os fenómenos, os agentes e os contextos da acção	77
3. Espaço e Indústria	80
Espaço e industrialização: processos, agentes e manifestações da reordenação espacial das economias	81
Os espaços locais da indústria como expressão derivada de uma lógica macroeconómica	83
A centralidade das economias locais: novos agentes e novos processos técnicos	86
O local: autonomias e mediações	90
4. A reordenação espacial das economias	92
III. OS SISTEMAS PRODUTIVOS LOCAIS	99
1. As economias locais: da <i>atração</i> à <i>estruturação sistémica</i>	99
2. As estruturas sociais locais, os modelos territoriais e as características relacionais da produção	106
3. Culturas técnicas e interdependências industriais: os sistemas produtivos locais	113
A metodologia de identificação dos sistemas produtivos locais	119
Uma definição de sistema produtivo local	121

PARTE II

PORTUGAL: ESTRUTURAS ECONÓMICAS E ESPAÇOS REGIONAIS

IV. A ECONOMIA PORTUGUESA: A CONDIÇÃO ESTRUTURAL DE UMA ECONOMIA SEMIPERIFÉRICA	127
1. O polimorfismo da economia portuguesa	127
2. A <i>reordenação sectorial</i> e o regime de acumulação nos anos 60: a estabilização de uma economia intermédia	138
O regime de acumulação e a relação salarial	141
A estrutura industrial e a inserção na economia mundial	143
Os agentes reguladores: Estado, grupos económicos, capitais estrangeiros	144
3. As transformações institucionais e o reforço das descontinuidades estruturais: as transformações pós-1974	149
Transformações institucionais: a relação salarial no centro das evoluções económicas e sociais	151
O crescimento da economia em situação de «crise»	154
O regime de acumulação	156
A estrutura industrial e a inserção na economia mundial	156

Diferenciação da relação salarial, precarização do sistema de emprego	157
4. A regulação económica na semiperiferia: uma apreciação global	160
V. OS ESPAÇOS ESTRUTURAIS DO FUNCIONAMENTO DA ECONOMIA PORTUGUESA: UMA INTRODUÇÃO À ANÁLISE DAS ARTICULAÇÕES ESPACIAIS	165
1. Um conjunto de perspectivas convergentes sobre a complexidade da sociedade portuguesa	167
2. O quadro regional português: os espaços estruturais de funcionamento da economia	170
3. As economias industriais regionais: iniciativa empresarial, emprego e produção ..	181
4. A <i>espessura</i> sócio-económica das regiões: as vinculações espaciais das dinâmicas industriais	186

PARTE III

PROCESSOS LOCAIS DE INDUSTRIALIZAÇÃO: DOIS CASOS DE ESTUDO

VI. UM SISTEMA PRODUTIVO LOCAL: O CASO DE ÁGUEDA	203
1. As condições de formação do sistema local: um processo longo de acumulação material e simbólica	205
2. Evolução do quadro produtivo	209
3. A história industrial local, os processos e os agentes: cultura técnica e interdependências produtivas	213
4. O sistema de empresas: especialização e relações interindustriais	219
Duas indústrias centrais no sistema produtivo local: uma apreciação comparativa das «ferragens» e do «material de transporte»	227
5. O sistema social local: o contexto do desenvolvimento industrial	229
VII. A PROMOÇÃO LOCAL DA INDÚSTRIA EM MEIO RURAL: A MEDIAÇÃO INSTITUCIONAL EM ARGANIL	235
1. Os limites e as possibilidades da industrialização local	236
2. A sociedade local, o poder autárquico e a economia local	241
3. A «forma» e o «conteúdo» da política autárquica de promoção do emprego	246
4. Os resultados da «política autárquica» de promoção industrial	252
As possibilidades de desenvolvimento da política industrial local	254

Duas perspectivas: atracção de capitais externos vs. mobilização de capitais locais .	254
A natureza do agente colectivo local	255
5. A estrutura das empresas industriais: a segmentação da economia local e a «insularidade» das unidades produtivas	256
6. As condições sociais de base: o contexto da acção dos agentes colectivos locais .	258
XIII. CONCLUSÃO GERAL	261
Bibliografia	267